



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica.

Correspondência ao Autor
Nome: Angela Maria Souza Martins
E-mail: asmartins22@gmail.com
Instituição Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Submetido: 18/11/2018
Aprovado: 28/02/2019
Publicado: 04/06/2019

[doi> 10.20396/rho.v19i0.8654010](https://doi.org/10.20396/rho.v19i0.8654010)
e-Location: e019021
ISSN: 1676-2584



E. P. THOMPSON: CULTURA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

  Angela Maria Souza Martins¹

RESUMO

Este artigo analisa as contribuições de E. P. Thompson relativas a cultura, história e educação. Mostra como ele priorizou a inter-relação entre subjetividade e objetividade na construção do processo sócio histórico. Thompson realizou uma análise do contexto social e histórico, destacando a importância e a interferência da “agência humana” no processo de formação de uma sociedade. Por isso, ele questionou veementemente a análise das formações histórico-sociais por meio da relação determinante entre base econômica e superestrutura. Considerou que as questões culturais, os valores e significados eram tão importantes quanto as questões econômicas e políticas. Havia uma relação dialética entre o cultural, o político e econômico. Esta perspectiva thompsoniana o conduz a construção do que ele denominou de materialismo humanista que entrelaçou o cultural, o político e econômico, postura importante que criou um novo modo de pensar a história e o papel da educação na contemporaneidade. A educação deve ser considerada um aspecto fundamental da cultura, por isso imprescindível para a constituição de um projeto de sociedade.

PALAVRAS-CHAVE E. P. Thompson. Cultura. História. Educação.



E. P. THOMPSON: CULTURE, HISTORY AND EDUCATION

Abstract

This article analyzes the contributions of E. P. Thompson concerning culture, history and education. It shows how he prioritized the interrelation between subjectivity and objectivity in the construction of the socio-historical process. Thompson undertook an analysis of the social and historical context, highlighting the importance and interference of "human agency" in the process of forming a society. For this reason, he strongly questioned the analysis of historical-social formations through the determinant relationship between economic base and superstructure. He considered cultural issues, values and meanings to be as important as economic and political issues. There was a dialectical relationship between cultural, political and economic. This Thompson perspective leads him to the construction of what he termed humanist materialism that intertwined the cultural, political and economic, an important posture that created a new way of thinking about history and the role of education in the contemporary world. Education should be considered a fundamental aspect of culture, therefore essential for the constitution of a project of society.

Keywords: E. P. Thompson. Culture. History. Education.

E. P. THOMPSON: CULTURA, HISTORIA Y EDUCACIÓN

Resumen

Este artículo analiza las contribuciones de E. P. Thompson relativas a la cultura, la historia y la educación. Muestra cómo él priorizó la interrelación entre subjetividad y objetividad en la construcción del proceso socio histórico. Thompson realizó un análisis del contexto social e histórico, destacando la importancia y la interferencia de la "agencia humana" en el proceso de formación de una sociedad. Por eso, él cuestionó vehemente el análisis de las formaciones histórico-sociales por medio de la relación determinante entre base económica y superestructura. Consideró que las cuestiones culturales, los valores y significados eran tan importantes como las cuestiones económicas y políticas. Había una relación dialéctica entre lo cultural, lo político y lo económico. Esta perspectiva thompsoniana lo conduce a la construcción de lo que él denominó materialismo humanista que entrelazó lo cultural, lo político y lo económico, una postura importante que creó un nuevo modo de pensar la historia y el papel de la educación en la contemporaneidad. La educación debe ser considerada un aspecto fundamental de la cultura, por lo que es imprescindible para la constitución de un proyecto de sociedad.

Palabras clave: E. P. Thompson. Cultura. Historia. Educación.



INTRODUÇÃO

Busca-se neste texto refletir sobre as contribuições de E. P. Thompson para cultura, história e educação. Alguns aspectos da trajetória de vida de Thompson nos fornecem pistas para a sua produção teórica. A partir de 1941, com dezessete anos, ingressou no Partido Comunista da Grã-Bretanha. (MELLO JÚNIOR, 2011). Participou de um projeto educacional do departamento de extensão da Universidade de Leeds, onde lecionava para adultos, literatura inglesa e história, entre 1948 e 1965. Alguns desses cursos faziam parte de convênios com a Associação Educacional de Trabalhadores (Workers Educational Association - WEA). (MATTOS, 2012). Esta experiência foi fundamental para Thompson pensar as questões culturais, políticas e educacionais.

Em 1946, participou de um grupo de estudos históricos com: Christopher Hill, Maurice Dobb, Raymond Williams, Raphael Samuel, John Saville, Eric Hobsbawm, Dorothy Towers² e outros, com a intenção de pensar um marxismo humanista que fizesse frente ao marxismo estruturalista que predominava na Grã-Bretanha. Desde os primórdios de sua opção pela análise histórica a partir do materialismo histórico buscou dar voz e centralidade àqueles que faziam a história e se recusava a usar modelos pré-estabelecidos, que fornecessem respostas a priori para os diferentes campos da história e da sociedade. Em 1956, rompeu com o Partido Comunista da Grã-Bretanha³ e se empenhou em construir uma “nova esquerda”. Com o historiador John Saville, começou a editar a revista *The New Reasoner* e depois participou da *New Left Review*, na década de 1960, devido a discordâncias se afastou dos intelectuais que editavam a *New Left Review*. (MATTOS, 2012).

Esta perspectiva thompsoniana tinha uma intencionalidade: mostrar que são pessoas que constroem a história, a política e a economia e, por isso não se pode partir de ideias pré-concebidas para fazer a história. Era também necessário responder alguns questionamentos postos pela sociedade, na segunda metade do século XX e buscar construir um socialismo humanista, que considerasse o processo das ações humanas. Thompson apresentou uma concepção do materialismo histórico, o materialismo humanista, que conferia centralidade a interação entre subjetividade e objetividade na construção de um processo sócio histórico. Articulou num determinado contexto histórico “[...] a relação entre as determinações materiais com os elementos subjetivos – no sentido de sistemas de valores, crenças, moral, atitudes.” (MATTOS, 2012, p. 84). Principalmente quando estudou a formação da classe operária inglesa entre os séculos XVIII e XIX. Compreendeu que este processo deveria ser tratado dialeticamente, ou seja, como fruto de contradições e embate de interesses e valores.

De acordo com Thompson, homens e mulheres, mesmo sofrendo a determinação de seu contexto sócio histórico são capazes de agir e não simplesmente ficar à mercê da determinação deste contexto, esta postura conferiu uma visão ativa para o marxismo e possibilitou uma análise histórica ativa, com a participação do que ele denominou a “agência humana”. Esta posição de Thompson permitiu uma nova análise do contexto social e histórico, pois com a interferência da “agência humana” era necessário rever o determinismo da relação



base e superestrutura. Sendo assim, as questões culturais, os valores, significados eram tão importantes quanto as questões econômicas e políticas. Havia uma relação dialética entre o cultural, o político e econômico. Esta perspectiva thompsoniana em busca de um materialismo humanista nos leva a refletir sobre a importância da inter-relação entre o cultural, o político e econômico para pensar a história e o papel da educação na contemporaneidade. A educação é um aspecto fundamental no processo cultural e na formação de um projeto de sociedade.

E. P. THOMPSON E A CULTURA

Thompson em suas reflexões sobre a formação da classe operária na Grã-Bretanha trouxe contribuições relevantes para pensar o papel da cultura nos diferentes contextos sócio históricos, dois elementos foram fundamentais para sua reflexão: os costumes e a experiência. A cultura ganhou uma centralidade na formação de um projeto societário, pois ele mostrou que a dialética da dinâmica social não podia excluir os atributos humanos. (THOMPSON, 2001). Em seus estudos sobre a formação da classe operária britânica mostrou como práticas e normas se consolidaram no seio de determinados grupos sociais e se transformaram em costumes, que conduziam ações políticas e econômicas. De acordo com Thompson, esses costumes deviam ser analisados porque eram inerentes a uma cultura e esta “[...] transmit(ia) com vigor – e possivelmente também gera(va) – desempenhos ritualísticos ou estilizados, na recreação ou em formas de protesto.” (THOMPSON, 2010, p. 18). Os costumes mostravam uma ambiência e uma mentalidade, assim, muitas vezes era preciso buscar compreender a racionalidade que existia nestes costumes que compunham uma determinada cultura de um grupo social, pois eles interferiam nas relações sociais e em práticas como o trabalho. Thompson afirmava que o costume podia ser “[...] um lugar de conflito de classes.” (THOMPSON, 2010, p. 95). Por isso, deve-se considerar a relevância e complexidade da cultura porque ela era

[...] um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os tributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 2010, p. 22).

Ao se desvendar este emaranhado da cultura pode-se obter pistas importantes sobre a forma de pensar e agir de determinados grupos sociais, como eles se relacionam com outros grupos sociais, ou seja, suas ações e contradições num determinado tempo histórico. A cultura é dinâmica, ela é “[...] uma arena de elementos conflitivos.” (THOMPSON, 2010, p. 17). Por isso seu estudo torna-se fundamental para compreender, em sua complexidade, o embate entre classes sociais e também suas especificidades. Por meio do estudo da cultura pode-se conhecer as estratégias e táticas usadas nas ações das diferentes classes ou frações de classes.



Thompson (2001) compreende que a classe é uma formação social e cultural que deve ser analisada sempre em seu aspecto relacional, ou seja, uma classe não pode ser definida isoladamente, mas sempre em relação a outra classe, na história. Assim, as classes *se fazem*, o que expressa um processo ativo, elas são um fenômeno histórico, porque a ação humana se efetiva na história, esta ação sofre determinações do tempo e do contexto onde está inserida, mas esta determinação do tempo e do contexto precisa ser vista como um processo, porque os homens a todo momento estão se transformando e transformando os outros, ou seja, fazendo-se. (THOMPSON, 2004). Assim, a classe não pode ser vista como uma “estrutura” ou “categoria”, mas como um fenômeno que ocorre nas relações humanas, nas relações sociais e históricas. Segundo Thompson, estas relações estão encarnadas em pessoas e contextos reais.

O processo de formação das classes sociais se efetiva quando

[...] alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. (THOMPSON, 2004, p. 10).

A experiência era outro aspecto fundamental para compreender a formação de classe e também as questões culturais. Como a classe é uma relação, ela somente pode ser definida enquanto os homens vivem sua própria história. Ao viver a história os homens constroem experiências que são fundamentais para as relações entre as classes. Thompson reconhece que a experiência de classe é determinada pelas relações de produção, mas “[...] a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.” (THOMPSON, 2004, p. 10). Assim, constata-se que há uma determinação para a experiência de classe, mas não para a consciência de classe, esta surgirá em locais e tempos diferentes. Este processo é muito interessante, porque não se pode criar modelos pré-estabelecidos de consciência de classe, ou seja, estabelecer previamente como se efetivará os caminhos da consciência de classe, nem determinar a priori em que local ela surgirá. Esta reflexão é fundamental para compreender historicamente como se efetiva as lutas entre as classes e também para desvendar o processo da educação política e da construção da hegemonia e da contra hegemonia.

A experiência traz dois aspectos importantes para a análise da história e da cultura, a ideia de processo e movimento, que são aspectos fundamentais para compreender a dialética. Assim como também é fundamental para entender a formação e a atuação das classes sociais nos diferentes contextos, pois esta concepção reafirma as classes como formações sociais e culturais que surgem de processos históricos. A experiência faz a mediação entre o ser social e a consciência social, por isso Thompson afirma que “[...] é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura.” (THOMPSON, 1981, p. 112). As experiências são importantes para mostrar interesses e antagonismos de homens e mulheres no interior do processo histórico, e estas experiências os fazem agir num contexto determinado.



Estas colocações levaram Thompson a conferir dinâmica e movimento ao materialismo histórico. Ele questionou com veemência a metáfora base e superestrutura tal como era entendida pela ortodoxia marxista, considerou que este tipo de metáfora criava uma realidade social estática, não dialética, porque a base econômica determinava a superestrutura e, assim os diferentes aspectos desta última seriam meros reflexos do econômico. Realçou que o cerne das relações sociais eram as experiências humanas datadas historicamente, por isso existia uma inter-relação entre o subjetivo e o objetivo e, por isso, as mudanças nas relações de produção interferiam nos princípios e valores humanos e eram concretizadas na vida social e cultural. Diante dessas reflexões ele mostra que a base não pode determinar de modo absoluto os aspectos superestruturais, na verdade, o materialismo histórico deve estudar o processo social em sua totalidade, mostrando como uma atividade se relaciona com a outra. Thompson mostra que a sociedade é uma totalidade em movimento, processual, onde a “agência humana” tem um papel fundamental.

Além disso, destacou que não se pode analisar um modo de produção apenas a partir de termos econômicos porque deve-se considerar normas, princípios e valores que compõem uma cultura, pois estes aspectos são essenciais para compreender as relações sociais, na verdade há uma interação recíproca entre todos aspectos de uma formação social e histórica, porque os aspectos materiais estão articulados aos aspectos subjetivos que dão sentido e significado as questões econômicas. Mas é preciso assinalar que Thompson não diminuiu a importância da produção econômica quando estudou as relações sociais capitalistas, o que ele questionou foi a forma reducionista e economicista de tratar as relações sociais e de produção. Ele destacou que as relações sociais são complexas e sempre apresentaram uma articulação entre o subjetivo e o objetivo e qualquer análise reducionista diminui a compreensão de todos os aspectos que compõem um contexto social e histórico.

A realidade social e histórica é um campo de lutas de interesses, valores e princípios divergentes, por isso deve-se entender a relação entre o econômico e o não econômico, ou seja, entre os fenômenos sociais e culturais e as relações de produção. É preciso compreender a relação dialética “[...] entre ser social e consciência social – ou entre ‘cultura’ e ‘não-cultura’.” (THOMPSON, 2001, p. 157). Porque de acordo com Thompson, esta discussão é o cerne “[...] de qualquer compreensão do processo histórico dentro da tradição marxista. Se porventura deslocado, esvazia(se) essa tradição completamente.” (THOMPSON, 2001, p. 157).

Quando ele analisa os aspectos históricos, sociológicos e políticos diz ser necessário primeiro

[...] lembrar que os fenômenos sociais e culturais não correm atrás dos econômicos após longa demora; estão, na sua origem, imersos no mesmo nexos relacional. Segundo, ao passo que uma forma de oposição ao capitalismo se constrói sobre o antagonismo econômico direto – resistência à exploração, seja como produtor, seja como consumidor-, outra forma é, exatamente, resistência à tendência inata do capitalismo a reduzir todas as relações humanas às definições econômicas. As duas



estão, de fato, inter-relacionadas, mas, de modo algum, não se sabe qual das duas será, ao final, a mais revolucionária. (THOMPSON, 2001, p. 167).

Assim, os processos econômicos e políticos não podem prescindir dos aspectos culturais, mesmo porque é necessário descobrir os mecanismos utilizados pelas experiências vividas pelas diferentes classes sociais, que criam valores, normas e princípios que entram em confronto para consolidar uma hegemonia. Por isso, a cultura tem um papel fundamental para que se entenda como se efetiva ou não um processo hegemônico.

A HISTÓRIA PARA E. P. THOMPSON

A história era fundamental para Thompson, segundo ele é inconcebível pensar o processo social sem a história, pois quem move este processo é a “agência humana”. A lógica de um processo somente pode ser definida com a ação humana. Ele ressaltou que deve-se ver

[...] a história como história – homens situados em contextos reais (que eles não escolheram) e confrontados perante forças incontornáveis com uma urgência esmagadora de relações e deveres, dispondo, apenas, de uma oportunidade restrita para inserir sua própria ação [...]. (THOMPSON, 2001, p. 140).

A história é um processo que pode nos apontar as intencionalidades das ações humanas, apesar de cada evento histórico ser único, é possível estabelecer relações entre diferentes acontecimentos históricos, o que possibilita apresentar algumas regularidades do processo histórico. Assim,

O materialismo histórico vem (...) buscando uma expressão que denote as uniformidades de costumes, etc., as regularidades das formações sociais e as análises não como necessidades sujeitas a leis, nem como coincidências fortuitas, mas como pressões modeladoras e diretivas, articulações indicativas de práticas humanas. (THOMPSON, 1981, p. 99).

A grande contribuição da história, segundo Thompson (1981), era que ela apresentava uma lógica que trabalhava com o vir-a-ser, com as mudanças do processo social e econômico, por isso a lógica histórica era adequada a fenômenos que estavam sempre em movimento que mostravam manifestações contraditórias, neste sentido seu objeto de investigação está constantemente se modificando. O conhecimento histórico é provisório, incompleto, seletivo, “[...] limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência.” (THOMPSON, 1981, p. 49). O que sintetiza o método histórico é o diálogo constante entre o conhecimento histórico e seu objeto, o debate entre os conceitos e hipóteses e as evidências históricas.

Segundo Thompson (1981, p. 50-51) também deve-se destacar que

[...] o passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder, e subordinação, etc.). Na medida em que essas ações e relações deram origem a modificações, que se tornaram objeto



de investigação racional podemos definir essa como *processo* histórico, isto é, *práticas* ordenadas e estruturadas de maneiras racionais.

A investigação histórica sempre deve ser vista como processo e por isso pode captar as modificações e transições de um contexto social, este tipo de perspectiva é fundamental para o materialismo histórico, mesmo porque o motor fundamental do materialismo histórico é a luta de classes, o que pressupõe movimento e também a necessidade de saber como é a natureza das diferentes classes que estão em luta e como se processa esta luta. (THOMPSON, 1981). Nesse sentido foi muito importante as colocações de Thompson ao pesquisar a formação da classe operária britânica, pois concluiu que esta classe se fez e foi feita, verificando também que não podia “[...] colocar ‘classe’ aqui e ‘consciência de classe’ ali, como duas entidades separadas uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente.” (THOMPSON, 1981, p. 121).

Se a experiência de homens e mulheres são fundamentais para a constituição das relações sociais e, conseqüentemente, da formação das classes sociais, a pesquisa histórica deve sempre considerar essas experiências nos diferentes tempos históricos e a teoria que embasa esta investigação deve abrir a possibilidade de compreensão desse objeto histórico, captando sua multiplicidade e movimento.

Por isso, o materialismo histórico não pode estar baseado numa visão reducionista, que não considere o processo social e histórico, ele precisa trabalhar aspectos que estão além da economia como: poder, ideologia, formação de consciência social e outros aspectos que possuem uma lógica diferente, mesmo porque Thompson assinalou que o objeto primordial do materialismo histórico é o ser humano real. Assim, a análise histórica a partir desta perspectiva deve considerar todos os aspectos de um contexto social, mostrando a relação dialética entre o político, o econômico e o cultural. Isto porque as transformações nas relações produtivas interferem nas ideias e valores humanos e são efetivados na vida social e cultural.

Dessa forma, o ser social conforma e pressiona a consciência social por meio de congruências, contradições e mudanças involuntárias e isto mostra como se efetivam as lutas que ocorrem nas relações de poder, nas formas de dominação e na organização social. É necessário considerar que “[...] a transformação da vida material determina as condições dessa luta e parte do seu caráter, mas o resultado específico é determinado apenas pela luta em si mesma.” (THOMPSON, 2001, p. 263). Thompson mostrou como é fundamental romper com uma visão estática da organização social e da metáfora base e superestrutura, porque o tempo todo a sociedade está em movimento e os modelos ou categorias derivados do contexto social precisam ser examinados, questionados e definidos no curso da investigação histórica. Por isso, uma

[...] transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma “superestrutura” correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem *vivenciadas* na vida social e cultural, de repercutirem nas ideias e valores humanos e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas. (THOMPSON, 2001, p. 263).



Thompson (2001) destacou que a história é uma disciplina do contexto e do processo, por isso busca-se sempre os significados dos acontecimentos dentro de um tempo histórico procurando suas regularidades e peculiaridades, na verdade Thompson nos diz que a “[...] a história não conhece verbos regulares.” (THOMPSON, 1981, p. 57). A riqueza da pesquisa histórica é procurar compreender as diferentes facetas do real, dos diferentes processos sociais, porque quando investiga-se um momento histórico lida-se com o vir-a-ser, com as contradições e os embates.

Para enriquecer ainda mais a investigação histórica, ele propôs um diálogo com a antropologia, para compreender melhor a identificação de certos fenômenos sociais, normas e expressões simbólicas vigentes numa sociedade. Ele recuperou processos de investigação que pode mostrar as mudanças em normas, princípios, valores, práticas e costumes de um determinado contexto social e histórico. Esta forma de investigar é fundamental para analisar as peculiaridades das transformações sociais e históricas. Este modo de ver a história traz contribuições relevantes para compreender o processo educacional na contemporaneidade.

E. P. THOMPSON E A EDUCAÇÃO

As reflexões de Thompson podem trazer contribuições significativas para pensar a educação, os conceitos fundamentais para esta reflexão são: experiência, processo e hegemonia. A educação, de acordo com sua visão, envolve uma relação dialética, de mutualidade, entre o educador e o educando. Tanto o educador como o educando partem de experiências. Segundo ele:

[...] a experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo. (THOMPSON, 2002, p. 13).

A educação é uma prática cultural e como tal expressa uma diversidade de experiências que apresentam interesses distintos que estão em confronto. Esta questão fica mais evidente quando a sociedade urbano industrial começa a fazer mudanças no âmbito cultural, principalmente a partir do século XIX, desde então ela precisa educar minimamente a classe operária para que esta desenvolvesse o seu trabalho. Thompson nos alerta que a “[...] educação e a cultura não menos que impostos locais para os pobres, eram encaradas como esmolas que deveriam ser administradas ao povo ou dele subtraídas de acordo com seus méritos.” (THOMPSON, 2002, p. 19). Era visível o desejo de guiar o desenvolvimento intelectual e educacional do povo, de acordo com objetivos e metas predeterminados, ou melhor, que servissem aquele projeto societário, aliás estas intenções estão até hoje presentes em nossas sociedades. Pode-se constatar que se aliam trabalho educacional e controle social. Por isso, é fundamental a compreensão da dialética experiência e educação versus o controle



social imposto pelos processos educacionais propostos pelas políticas vigentes, nos diferentes projetos societários.

É interessante observar que com o avanço do capitalismo e suas mudanças de projetos, cada vez mais aparece a necessidade da educação escolar e este embate começa a ficar mais evidente, ou seja, as necessidades educacionais dos projetos hegemônicos e as experiências da classe trabalhadora, mas no entanto, às vezes, “[...] a educação pass(a) a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora, simplesmente como um instrumento de mobilidade social seletiva.” (THOMPSON, 2002, p. 42). Estes são os ecos dos valores do projeto político hegemônico presentes entre os trabalhadores, estes procuram o sucesso educacional, como forma de ascensão financeira, o que reforça o prestígio social, que acaba apoiando valores como: sucesso, igualdade de oportunidades e ascensão social.

Isto nos leva a pensar nos mecanismos de consolidação da hegemonia. Thompson percebeu que majoritariamente o processo hegemônico é mantido pelo consenso, ou seja, o conteúdo e a forma de dominação são assimilados e mantidos pelos dominados, educação escolar e a educação política podem auxiliar no processo de incorporação de valores e princípios e na reprodução das relações sociais vigentes no modo de produção capitalista. Esse processo consolida a hegemonia cultural de um tempo histórico. Mas assim como Gramsci, Thompson também mostra a possibilidade através do embate de experiências, a possibilidade de uma classe subordinada preparar uma contra hegemonia, com o intuito de exercer influência na vida intelectual e moral de um determinado país.

Assim, a educação é uma prática cultural que auxilia na consolidação da hegemonia e da contra hegemonia. O processo educacional possibilita a educação intelectual e também a educação política. A educação pode fazer parte da construção de um projeto transformador e exercer pressão e mobilização a partir de um trabalho, que considere a experiência da classe trabalhadora, no sentido de realizar uma educação política que eleve a consciência de classe. Estas reflexões estão presentes em suas reflexões sobre a educação de adultos que exerceu entre 1948 e 1965.

Thompson propõe uma educação em todos os níveis e modalidades que realmente considere a dialética entre educação e experiência, uma educação que possibilite a emancipação. Ele reconheceu que, às vezes, há uma dificuldade em conciliar o rigor intelectual e o respeito a experiência e sabe que esta tarefa está prejudicada devido à expansão da educação escolar, principalmente no século XX. Mas mesmo com esta expansão e as mudanças quantitativas e qualitativas na educação escolar, Thompson considera que não deveria haver alteração na mutualidade da relação educação e experiência. Porque a relação entre experiência e educação escolar pode redundar em uma nova experiência modificada que pode contribuir com a construção de uma experiência que pode propor novas questões e desafios no interior do processo educacional. Mesmo porque Thompson já assinalou que a experiência é uma categoria fundamental para entender a relação entre ser social e consciência social, pois a experiência exerce pressão na formação da consciência social. A educação



apresenta uma dialética entre educação e experiência. Por isso, Thompson considerava fundamental os projetos de extensão da universidade que trabalhavam com a educação de adultos e, mais especificamente, com cursos para classe trabalhadora, estes projetos seriam “[...] uma porta de saída para o conhecimento e as competências, uma porta de entrada para a experiência e a crítica.” (THOMPSON, 2002, p. 45).

Assim, a educação apresenta possibilidades históricas que são fundamentais para a composição e consolidação hegemônica dos diferentes projetos societários, ela é parte imprescindível das atividades culturais contemporâneas. Por isso as contribuições teóricas de Thompson são importantes para a compreensão dos projetos educacionais nas sociedades contemporâneas urbano-industriais.

Como a educação é uma expressão das práticas culturais, ela articula aspectos objetivos e subjetivos da formação humana, por isso é considerada uma prática simbólica fundamental para a força produtiva, desempenhando um papel fundamental na conformação da sociabilidade dominante, na reprodução ampliada da riqueza, como também pode trabalhar com ideias para a contra hegemonia nas sociedades urbano-industriais contemporâneas. A educação é um instrumento importante para a obtenção do consenso das classes subalternas para o projeto político das classes hegemônicas. Entretanto, dependendo do nível de organização dessas classes e das experiências vividas nas relações sociais, a educação pode ter um papel fundamental para a construção de um projeto de transformação da sociedade.

Assim, a partir das reflexões sobre educação realizadas por Thompson podemos afirmar que a expansão da educação e as conquistas educacionais do século XX podem ser aspectos importantes para pensar uma sociedade mais igualitária, ou seja, construir uma democracia efetiva que tenha como parâmetro a “agência humana” em prol de uma sociedade livre, igualitária que realmente vise o bem comum. Thompson acredita a democracia somente será possível caso se construa uma sociedade onde todos desfrutem de condições efetivamente igualitárias, principalmente no campo cultural, político e econômico, que possibilite a construção de um socialismo humanista e emancipador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer a agência humana para a análise histórica e ao mostrar que uma formação social e histórica é uma totalidade dialética, Thompson oferece elementos para refletir sobre a relação entre objetividade e subjetividade e entre o ser social e a consciência social. Essas construções teórico-metodológicas fornecem argumentos para que se possa criticar dois aspectos: os modelos reducionistas e economicistas da sociedade e também a relação entre o simbólico e o conjunto das relações sociais.

Mostra que a cultura é parte inerente na construção das relações sociais e supera a ideia que relaciona cultura à erudição. A cultura sintetiza o pensar, o sentir e o agir, a cultura é comum, por isso expressa os valores, princípios, normas e significados de um determinado



contexto social e histórico. Para compreender o agir, pensar e sentir parte da experiência vivida que é fundamental para a ação pedagógica e propõe unir o conhecimento acumulado socialmente e a experiência vivida.

Nas práticas educativas, é preciso fazer uma reflexão sobre o conteúdo das propostas educacionais e das práticas pedagógicas, principalmente nos séculos XX e XXI. A educação política e a educação escolar formam uma totalidade histórica. A indissociabilidade entre educação política e educação escolar torna impossível a ideia de uma separação entre escola e prática cultural e social. A prática escolar reproduz majoritariamente as práticas culturais dominantes na sociedade. A escola é uma instituição que incorpora as relações de dominação. Esta incorporação se efetiva por meio de vários aspectos: currículo escolar, a atuação dos profissionais em educação, as famílias e, também os meios de comunicação de massa e a internet. Mas é preciso lembrar que pode-se partir da experiência vivida e no espaço escolar pode surgir conflitos que possibilitem a construção crítica, ou seja, o espaço escolar não tem uma unicidade, ele pode ser um espaço também de divergência. O que é fundamental para pensar a escolarização de modo processual, como um lócus heterogêneo e de luta.

Entender a subjetividade humana como fruto da indissociabilidade entre homem econômico, o homem político e o homem estético, rompe com a visão dicotômica, ainda predominante entre vários educadores: educação escolar para o trabalho e educação para a vida. Romper com esta dicotomia é imprescindível para compreender o processo educacional em sua complexidade e seu efetivo papel na sociedade contemporânea.

Essas reflexões sobre a prática pedagógica podem ser vistas como uma estratégia política para a construção de um socialismo humanista, pois uma formação humana emancipadora se constrói na interseção entre história, trabalho, política e cultura. É necessário destacar que as reflexões de Thompson é um importante instrumento de análise para descobrir os desdobramentos educacionais provocados pela nova etapa do modo de produção capitalista no final do século XX e esse início de século XXI, mostrando as mudanças nas relações de produção e nos desdobramentos políticos e culturais. Atualmente existem mudanças nas tecnologias de informação e de comunicação, a mundialização da produção material, a mercantilização dos bens simbólicos que requerem da formação humana novas determinações técnicas e ético-políticas.

Thompson lembra que experimentamos situações e relações produtivas determinadas que são fruto de antagonismos, interesses e necessidades e estas experiências estão presentes em nossas consciências e na cultura, nos fazendo agir numa situação determinada, por isso devemos ter uma consciência crítica dessa situação. (THOMPSON, 1981). O processo educacional pode nos auxiliar a construir esta consciência. Assim, para caminharmos na direção da emancipação humana, temos que construir projetos educacionais e práticas pedagógicas opostos a esse modo de ser e de viver. Por isso, a proposição de um materialismo humanista é muito importante.



REFERÊNCIAS

MATTOS, M. B. E. P. **Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2012.

MELLO JÚNIOR, J. A. C. de. C. O Conceito de experiência histórica em Edward Thompson. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 16., 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. v. 1

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Notas

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada 4, aposentada, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

² Dorothy Towers, historiadora, casou-se com E. P. Thompson em 1948 e passou a ser chamada de Dorothy Thompson.

³ Em 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Khrushchev divulgou um relatório sobre o período de Stalin, além disso houve a invasão soviética da Hungria, esses acontecimentos fizeram com que E. P. Thompson e outros intelectuais britânicos abandonassem o Partido Comunista.